

Fim da união deixa feridas expostas

SUELENE TELES

Está tudo como dantes no quartel de Abrantes. Depois de quase 20 dias de idas e vindas, de intensas negociações, debates, trocas de acusações (algumas delas pesadas), o PPS continua fora da Frente Brasília Popular e, desta vez, poderá ser para sempre ou pelo menos até as eleições do dia 4 de outubro.

A tentativa de reaproximação de Augusto Carvalho do espaço político comandado pelo governador Cristovam Buarque, ao invés de cicatrizar as feridas abertas em mais de um ano de separação, teve o efeito contrário de arrancar suas cascas e provocar novo sangramento.

Indignação

Ferido e indignado, como se tivesse sido traído pela segunda vez, o PPS sai atirando para todos os lados, mas querendo, na verdade, acertar Cristovam, em cheio. O PT, por sua vez, terá garantido para si o discurso de ter tentado, até às últimas consequências, organizar uma verdadeira frente de esquerda no DF.

Só não tendo conseguido pelo fato de o PPS não ter aceito uma condição "tão simples" como a que proíbe o pedido de votos para o candidato do PPS à Presidência da República, Ciro Gomes, no horário de propaganda eleitoral gratuita, onde os donos da bola são o PT de Lula e o PDT de Brizola. A quem, portanto, será imputada a culpa do fracasso da tentativa de reaproximação do PPS de Augusto Carvalho com a Frente Brasília Popular?

A resposta pode parecer simples, mas não é. Os valores para se analisar e até julgar o resultado, positivo ou negativo, de uma negociação no mundo da política não são os conhecidos pelo mundo cristão ou dos "bonzinhos". Como bem definiu o presidente do PT, Chico

Vigilante, política se faz com gestos e símbolos. E muitos desses símbolos são sutis demais para a compreensão geral. No universo da política, nem sempre uma vírgula significa uma vírgula. Um simples ponto pode revelar um universo de intenções.

No caso específico da reaproximação do PPS com a Frente, o que fica evidente, sem a necessidade de grande esforço de raciocínio, é a realidade de que muito antes do início das conversas entre os mandachuvas das legendas em questão, todo mundo estava negociando

com todo mundo. O PT já havia prometido o Senado para o PDT.

Inegociável

O encontro regional do PT, uma instância interna do partido, com poder de decisão

inquestionável, havia decidido que a vaga de vice era inegociável. E o PPS estava, há algum tempo, conversando com a via eleitoral do senador José Roberto Arruda. Chegou inclusive a circular uma informação de que o ex-governador Joaquim Roriz havia tentado um contato com o partido de Augusto.

Questionado sobre essa possibilidade, Roriz respondeu, à época, que um acordo entre o PMDB e o PPS não seria possível em função, segundo ele, de o PPS ser um partido de esquerda muito radical. Mas a possibilidade foi aventada. Portanto, o resultado final das diversas composições que poderão surgir ao final de toda esta movimentação não deverá ser motivo de surpresa indignada do universo político.

Isso posto, fica mais fácil entender e até compreender, uma vez mais, que, em política, os conceitos de fidelidade e traição não comportam, por exemplo, a mesma definição do mundo do amor folhetoresco.

Como se tivesse sido traído pela segunda vez, PPS sai atirando para todos os lados, mas querendo, na verdade, acertar Cristovam, em cheio